

COMO PENSAR AS PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO A PARTIR DA CULTURA DA INFÂNCIA

Amanda da Conceição Vieira ¹
Isabella de Cássia Silva Ferreira ²
Joyce Roberta Mendes ³
Yasmim Janis Xavier Soares ⁴
Paula Cristina Silva ⁵

Resumo

O presente relato tem como principal objetivo refletir sobre as práticas de alfabetização e sua relação com a cultura da infância. A discussão acerca do tema surgiu a partir das observações feitas por um grupo de PIBIDIANAS que atuam no primeiro e segundo ano do ensino fundamental da Escola Municipal Casa da Criança Maria Antônia. O trabalho teve como embasamento teórico os textos de Magda Soares (2004), que apresentam as dificuldades e perigos na diferenciação de alfabetização e letramento e a necessidade de compreensão da ação pedagógica por trás deles, e de Maria Carmem Silva Barbosa (2007), que apresenta a importância da troca de conhecimento e experiências entre as culturas familiares, sociais e escolares, desenvolvendo o aluno dentro do seu próprio território. Constata-se que as dificuldades de aprendizagem dos alunos estão estreitamente ligadas ao planejamento das ações pedagógicas, que por muitas vezes não refletem o grupo de alunos e seu desenvolvimento, além de não levar em conta metodologias bem estruturadas.

Palavras-chave: Alfabetização, Letramento, Cultura da Infância, Docência.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID é uma das ações que compõem a Política Nacional de Formação de Professores a fim de proporcionar a interação entre teoria e prática nos cursos de licenciatura, a partir da atuação de estudantes da graduação em escolas da rede pública (BRASIL, 2020).

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri -UFVJM, amanda.vieira@ufvjm.edu.br

² Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri -UFVJM, ferreira.isabella@ufvjm.edu.br

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri -UFVJM, joyce.mendes@ufvjm.edu.br

⁴ Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri -UFVJM, yasmim.xavier@ufvjm.edu.br

⁵ Doutora em educação, professora adjunta de pedagogia da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri -UFVJM, paula.cristina@ufvjm.edu.br.

Esse trabalho foi desenvolvido através das observações realizadas pelas pibidianas que atuam na Escola Municipal Casa da Criança Maria Antônia, localizada no bairro Consolação, na região periférica da cidade de Diamantina. Nas observações, fica evidente que o processo de alfabetização não ocorre de maneira satisfatória, acontecendo de forma acelerada e desinteressante para os alunos. O objetivo deste trabalho é investigar as causas do fracasso que ocorre neste processo, e propor possíveis soluções para que as crianças sejam alfabetizadas de forma mais eficiente, tendo a cultura da infância como base para se pensar em propostas de alfabetização.

A pesquisa bibliográfica pode ser desenvolvida através de análises por meio da apreciação em textos já publicados, como afirma Gil (2002). A metodologia deste trabalho está dividida em quatro momentos diferentes: no primeiro, foi realizada a observação do âmbito escolar, em turmas de 1º e 2º ano do ensino fundamental. Em sequência, ocorreram reuniões com todas as pibidianas que atuam nesta mesma instituição de ensino, regidas pela supervisora do programa desta instituição, para discussão coletiva acerca das inquietações levantadas. Posteriormente, foi feita uma revisão bibliográfica sobre uma das questões que mais trouxe inquietação para as pibidianas: as práticas de alfabetização e seus baixos níveis de eficiência. Em seguida, foi elaborada, em conjunto, a escrita do trabalho, em paralelo com as discussões entre as autoras.

O fio condutor deste trabalho está ligado a compreender, através deste percurso metodológico, as práticas pedagógicas acerca do processo de alfabetização e a importância de considerar a cultura da infância na prática escolar. Para tanto, o arcabouço teórico é embasado em grandes influências da pedagogia, como SOARES (2004), BARBOSA (2007) e LIMA (2014), que nos auxiliaram a entender melhor a amplitude do método de alfabetização e sua relação com a cultura da infância no ambiente escolar.

De acordo com Magda Soares (2004), a alfabetização é um processo de aquisição de habilidades, tais como: identificação dos fonemas em relação aos grafemas, consciência fonológica, compreensão dos fonemas e codificação e decodificação da língua escrita. A alfabetização passou por um processo de concepções históricas que modificaram as ações pedagógicas, partindo de um olhar tradicional e metodológico, para um olhar psicogenético da aquisição da língua, após a integração da concepção de letramento. Essa mudança ocorre no Brasil devido a estudos levantados na França e Estados Unidos sobre os resultados da alfabetização em massa. Neste estudo, foi observado que muitos indivíduos realizavam somente o processo de decodificação e codificação da língua, mas não desenvolviam a habilidade de utilizar a língua em seu cotidiano, em diferentes esferas sociais, trazendo à tona

um novo conceito: o letramento, que pode ser compreendido como prática do processo de alfabetização dentro do contexto social de vida do aluno.

Nesse contexto, nascem outras concepções sobre a forma de se alfabetizar, caracterizando um crescimento, no espaço escolar, de ações pedagógicas que teorizam sobre o alcance da estrutura alfabética por meio da intuição da criança, que está cercada por um espaço letrado (teoria construtivista). Esta prática torna o processo de alfabetização menos específico, em detrimento do conceito de letramento. Soares conclui que, apesar das importantes contribuições da teoria construtivista para educação, o processo de alfabetização tem muitas nuances e metodologias, sendo necessário conhecer seus processos primários para uma atuação efetiva. Ela argumenta que, parte do fracasso escolar nos dias atuais se deve a um despreendimento das ações pedagógicas de alfabetização desses processos básicos. Soares acrescenta também que é importante se tomar uma via de mão dupla entre a metodologia tradicional e a construtivista, já que os processos de letramento e alfabetização são indissociáveis, mas requerem diferentes competências.

O texto "*Culturas Escolares, Culturas de Infância e Culturas Familiares: As Socializações e a Escolarização no Entretecer Destas Culturas*", de Maria Carmem Barbosa (2007) discute a integração entre as culturas da infância, a cultura familiar e as culturas escolares. Barbosa entende que o processo de aprendizado tem se dissociado do desenvolvimento lúdico pelo qual a criança passa e das culturas por ela vivenciadas, apresentando conteúdos descontextualizados para os alunos. Lima (2014) complementa em seu texto "*A ludicidade como eixo das culturas da infância*" que a maioria dos professores ainda desconhece ou ignora as culturas da infância, e que as práticas educativas, por sua vez, apoiam-se na vertente tradicional, o que compromete o desenvolvimento e aprendizagem do aluno.

Foi observado, no 1º ano do ensino fundamental, que as crianças encontram muitas dificuldades na leitura e na escrita. Numa turma de 17 alunos, se pode dizer que cerca de um quarto das crianças conseguem de fato ler, apenas. Alguns até conseguem juntar as letras e formar sílabas, por exemplo, mas ler a palavra completa fica mais complicado. Outros, mal reconhecem as letras ou seus fonemas, podendo até confundi-las com números. Entretanto, os alunos são bons copistas. O professor tem o costume de passar atividades impressas para que os alunos façam. Ele lê a pergunta para eles, espera a resposta oral de pelo menos um, e vai escrevendo no quadro. Os alunos mais atentos conseguem acompanhar e copiar as respostas nos espaços corretos. Outros, apesar de copiarem corretamente, acabam se perdendo e

colocando as respostas em outros lugares. Algumas atividades também não trazem o espaço do tamanho necessário para que as crianças consigam escrever.

A rotina com muitas atividades impressas é notavelmente desgastante para as crianças, que reclamam da escola e não sentem vontade ou gosto pelo que fazem lá, se é que entendem o que estão fazendo. O professor é muito carinhoso, mas nem sempre aborda textos interessantes e significativos para as crianças. A metodologia utilizada se aproxima da tradicional. O lúdico é pouco trabalhado em sala. Quando existe o momento de brincar, de imaginar ou de contar histórias, isto acontece separado do momento de aprender. É assim que as crianças vão criando a ideia de que aprender é chato, de que estudar não é uma tarefa prazerosa e não veem o sentido ou a importância disso. Assim, muitas vezes, elas perdem o interesse, buscando voltar a atenção para qualquer outra coisa que seja mais interessante e menos tediosa no momento da aula.

Já no 2º ano, percebe-se que metade da turma está alfabetizada, sabendo ler e escrever, e a outra metade não, apresentando dificuldades em formar frases e escrever textos, o que evidencia uma lacuna no processo de alfabetização destes. Nota-se também que os alunos não têm o devido acompanhamento familiar em suas tarefas. Dentro de sala é visível que, na maioria das vezes, os professores não estão preparados para lidar com o atraso no processo de alfabetização. Isso se deve ao grande número de alunos em sala, às especificidades de cada um e à grande lacuna que existe entre a teoria e a prática docente.

Nota-se que, em ambas as turmas, as aulas são muito densas e aceleradas, de forma a não respeitar o ritmo dos alunos. A prática não é brincante, e os discentes agem de forma mais passiva do que ativa. Acerca das observações, fica evidente a necessidade de intervenção, partindo de vários âmbitos. Primeiramente, é importante que a formação docente seja de melhor qualidade. É necessário que os estudantes de cursos de licenciatura conheçam vários métodos ainda enquanto estudantes, para que não se sintam perdidos ao final da formação e acabam reproduzindo os mesmos erros que criticavam, por não saberem para onde recorrer.

Também é necessário que fique nítido para os professores que a alfabetização e o letramento são processos que devem sim caminhar juntos, mas não devem se confundir. É muito importante que as especificidades dos métodos de alfabetização sejam ressaltadas, bem como as teorias de letramento.

Urge também que os professores não só respeitem as culturas da infância, mas entendam-nas e ensinem a partir delas. É importante ressaltar que o aluno deve ser o protagonista do seu aprendizado. Nesse sentido, o professor deve conhecer muito bem seus alunos e as culturas nas quais estão inseridos. Quais são os interesses dos pequenos, o que os

move, o que eles vivenciam, o que é ser criança no momento em que eles vivenciam a infância e como as crianças, neste momento, aprendem. É necessário estar imerso na cultura da infância para que se entenda as práticas que melhor se aplicariam a determinado grupo de crianças.

Por fim, é necessário que a formação continuada seja mais incentivada. Muitos professores que já dão aula há muito tempo se recusam a conhecer métodos diferentes, alegando que antigamente funcionava, e que o problema está nas crianças de hoje. Se o objetivo é ensinar as crianças de hoje, então a educação deve ser pensada especificamente para elas, que aprendem de forma diferente das crianças do passado. Culpar a geração das crianças não é nada produtivo e não leva a lugar algum. Nesta perspectiva, a referida pesquisa evidencia a necessidade de um olhar atento às necessidades dos estudantes. Torna-se necessário ressignificar as práticas pedagógicas de forma que a teoria esteja alinhada à prática e que sejam proporcionadas aos estudantes experiências que sejam de fato significativas para o seu desenvolvimento.

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa recebida por meio do PIBID.

REFERÊNCIAS

Barbosa, Maria Carmen Silveira. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. *Educação & Sociedade* [online]. 2007, v. 28, n. 100 [Acessado 19 Agosto 2023], pp. 1059-1083. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300020>>. Epub 29 Out 2007. ISSN 1678-4626. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300020>.

BRASIL, Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pibid> >. Acesso em 19 set.2023 .
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO A DOCÊNCIA.

Gil, Antônio Carlos, 1946- Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002 [Acessado em 19 de agosto de 2023]

Lima, M. R. C. de, & Lima, J. M. de. (2014). A ludicidade como eixo das culturas da infância. *Revista Interações*, 9(27). [Acessado em 19 de Agosto de 2023] ; Disponive em [:https://doi.org/10.25755/int.3409](https://doi.org/10.25755/int.3409)

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: As muitas facetas.** *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2004, n.25, pp.05-17. ISSN 1413-2478 [Acessado em 19 de agosto de 2023]